

Denise Bottmann

Baudelaire no Brasil

Resumo

Apresento aqui um amplo levantamento das publicações de Charles Baudelaire em tradução brasileira, lançadas em livro, desde suas primeiras ocorrências no século XIX até o ano de 2017.

Palavras-chave: Charles Baudelaire; traduções; história da tradução em livro no Brasil

Résumé

On rencontre ici une minutieuse compilation bibliographique des œuvres de Charles Baudelaire traduites et publiées en livre au Brésil, dès leurs premières éditions au XIX^{ème} siècle jusqu'à l'année de 2017.

Mots-clés : Charles Baudelaire ; traductions ; histoire de la traduction en livre au Brésil

O que há de poesia e prosa de Baudelaire disseminado em revistas, jornais e suplementos literários desde o século XIX chega à casa de algumas centenas. E a influência de Baudelaire em nossa literatura é tema de incontáveis estudos e pesquisas. Aqui, este meu levantamento se concentrará exclusivamente em traduções de Baudelaire publicadas em livro, tanto em volume próprio quanto em antologias.

Para um painel geral, Glória Carneiro Pires apresenta uma arqueologia da recepção de Baudelaire no Brasil em sua tese de doutorado *Aclimatando Baudelaire* (1989), publicada em 1996. Especificamente sobre *Les Fleurs du mal*, Ricardo Meirelles traz vários dados e elementos em *Entre brumas e chuvas* (2003), em *Les Fleurs du mal no Brasil: traduções* (2010) e artigos diversos. Em termos bibliográficos, fundamental é o levantamento de Tavares Bastos (1963), atualizado por Ivan Junqueira e apresentado na introdução à sua tradução de *As flores do mal* (1985). Para fontes primárias, sem dúvida o melhor acervo disponível é o da Hemeroteca Digital Nacional.

Neste artigo, completo algumas lacunas desses estudos bibliográficos e procedo à atualização até 2017. Quanto às pequenas lacunas que pude preencher, vale notar que, entre os diversos achados, encontram-se textos em prosa publicados em antologias razoavelmente populares, voltadas para o amplo público leitor, para além dos círculos literários mais restritos. É o caso, por exemplo, de *Os mais belos contos franceses dos mais famosos autores* (Vecchi, 1944), de *Obras primas do conto fantástico* (Martins, 1961) ou de *Novelas francesas* (Cultrix, 1963). Tais ocorrências permitem aventar que Baudelaire teve um alcance maior do que se poderia julgar à primeira vista pelos levantamentos anteriores. Além disso, foi possível localizar a tradução de Azevedo Jr., ausente de todos os levantamentos anteriores, bem como precisar melhor alguns detalhes referentes a datações e identidades das primeiras traduções e seus primeiros tradutores entre nós.

As imagens de capa presentes ao final de cada seção cronológica do texto, em sua pequena amostragem, têm apenas o modesto objetivo de ilustrar a variedade editorial de nossa baudelairiana e de resgatar algumas edições esquecidas ou pouco conhecidas, ao lado das edições mais canônicas.

Século XIX, os primórdios, dos anos 1870 aos anos 1890

*Denise Bottmann – Denise Bottmann é tradutora, mestra em História e criadora do blog *Não gosto de plágio*

Pesquisadores da área têm considerado até o momento que as primeiras traduções de Baudelaire no Brasil são “Moesta et errabunda”, por Carlos Ferreira, e “O veneno”, por Luiz Delfino, ambas feitas em 1871. Pires sustenta a anterioridade da de Delfino, enquanto Meirelles afirma não ser possível, por ora, saber com certeza a qual dos dois, Ferreira ou Delfino, caberia a precedência (PIRES, 1996; MEIRELLES, 2003). Seja como for, ambas se mantiveram inéditas por um bom tempo, vindo a ser publicadas muitos anos depois: “Moesta” em 1881 e “O veneno” somente em 1934 (em jornal) e 1941 (em livro). Como não foram publicadas na época de sua feitura, estes e outros estudiosos têm considerado que a primeira tradução vinda a público, em qualquer veículo impresso (livro, jornal ou revista), teria ocorrido apenas a partir de 1872, com a publicação de “Modulações” pelo mesmo Carlos Ferreira acima citado, em seu livro Alciones.

Todavia, é possível constatar documentalmente que já em 1º de setembro de 1871, à p. 3 do jornal paulistano *Imprensa Acadêmica*, o mesmo Carlos Ferreira do inédito “Moesta et errabunda” publicava “Modulações”, sua tradução de “Balcons” – ou, melhor dizendo, uma paráfrase feita sob “inspiração de Baudelaire”.

É também possível constatar que meros nove dias depois, em 10 de setembro do mesmo ano, João Ribeiro de Campos Carvalho publicava no *Correio Paulistano* sua tradução de sete poemas em prosa: “O estrangeiro”, “Embriagai-vos”, “Um hemisfério nos cabelos”, “Fora do mundo”, “Vênus e o louco”, “Desejo de pintar” e “Epílogo” http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_03&pesq=baudelaire

Aqui aproveito para retificar outra afirmação um pouco surpreendente de Pires: a de que a data inicial de leitura do poeta entre nós corresponderia à mesma data de *tradução* (no caso, segundo a pesquisadora, a de Delfino) de sua obra no país. Em nota de rodapé, Pires descarta o episódio envolvendo Fagundes Varela, reproduzido em sua tese, alegando falta de informações mais precisas. Que seja. No entanto, em termos documentais, é inegável a presença do poeta francês na imprensa brasileira bem antes de 1871. Tomemos as páginas do jornal carioca *Le courrier du Brésil*, a cargo do diretor e redator-chefe Simões da Fonseca. Já desde 1856, temos a notícia do lançamento de *Histoires extraordinaires* (a tradução baudelairiana de contos de Poe), menções à sua presença na revista literária *Le Boulevard*, a divulgação de uma antologia francesa com poemas seus, bem como a publicação de “*La lune offensée*” em 1862. Disso parece-me plausível concluir que, sim, lia-se Baudelaire no Brasil antes de 1871. De mais a mais, várias livrarias cariocas – como a Livraria da Casa Imperial, a Didot, a B.-L. Garnier e outras – não só ofereciam assinaturas anuais da *Revue des Deux*

Mondes (na qual Baudelaire publicou seu primeiro ramallete em 1855), como mantinham a revista à venda em seus estabelecimentos. Pelo menos desde 1849, multiplicam-se anúncios divulgando a comercialização da referida revista. Bibliotecas como a Fluminense também contavam com a coleção da *Revue* em seus acervos disponíveis ao público. Certamente, pesquisas mais detidas sobre a questão particular da leitura de Baudelaire no Brasil poderão trazer à luz novos dados elucidativos sobre sua presença entre nós.

Mas, retomando nosso tema central, a *tradução* de Baudelaire no Brasil, vemos que, num amplo recorte abrangendo inclusive a imprensa periódica, o responsável pela primeira tradução brasileira vinda a público foi, pelos dados de que dispomos no momento, Carlos Ferreira.

Também dentro de nosso recorte mais específico – Baudelaire **em livro** –, é igualmente Carlos Ferreira quem inaugura nossa bibliografia, com a presença do mesmo “Modulações” publicado na imprensa em 1871, mas agora em seu já citado Alcíones, lançado em 1872 pela J.T.P. Soares. Foi reeditado por Wagner Schadeck em sua antologia baudelairiana, *As florestas de símbolos* (2016).

Assim, é possível estabelecer que Baudelaire nos chega em volume impresso quinze anos após a primeira edição de *Les Fleurs du mal* (1857) e cinco anos após sua morte. Prossigamos.

O próximo lançamento se deu em 1874, com “O repuxo” em tradução de João Baptista Regueira incluída em seu volume *Flores transplantadas*, com traduções de poemas de diversos autores, pela recifense Comercial.

Em 1878, sai mais uma flor do mal, “O albatroz”, que Teófilo Dias traduz e inclui em seus *Cantos tropicais*, pela Tip. Agostinho Gonçalves Guimarães – livro, aliás, comentado por Machado de Assis em seu célebre artigo “A nova geração”. Essa tradução de Teófilo Dias é republicada em *O mar, através de Baudelaire e Valéry* (1933b), de Félix Pacheco.

Em 1881, Carlos Ferreira publica aquela sua inédita tradução de 1871, “Moesta et errabunda”, no volume *Redivivas*, pela tipografia da *Gazeta de Campinas*. Está incluída em Schadeck (2016).

Em 1882, Teófilo Dias publica mais oito flores baudelairianas no volume *Fanfarras*, pela paulista Dolivaes Nunes. São elas: “Dom Juan nos infernos”, “O veneno”, “O espectro”, “A música”, “O sino”, “Manhã de inverno”, “A fonte de sangue” e “O cachimbo”. Duas dessas traduções, “O espectro” e “A fonte de sangue”, são incluídas por Raymundo Magalhães Jr. em sua *Antologia de poetas franceses* (1950); “Manhã de inverno”, por Ricardo Meirelles em

Clássicos em tradução, rotas e percursos (2013); “Dom Juan nos infernos”, “O espectro”, “A música”, “Manhã de inverno” e “A fonte de sangue”, por Schadeck (2016).

Em 1884, Azevedo Júnior lança o poema traduzido “O estrangeiro” em *Frisos de luz*, pela Typ. do Mercantil de Porto Alegre.

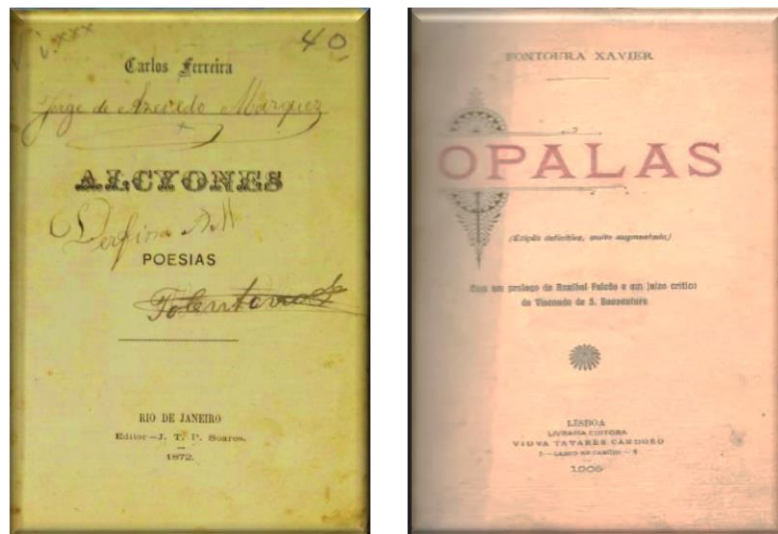
No mesmo ano, a também portoalegrense Livraria Americana publica *Opalas*, uma coletânea de escritos e traduções de Antônio Fontoura Xavier, trazendo de Baudelaire “Elevação”, “Os faróis”, “D. João no inferno”, “Castigo do orgulho”, “O frasco”, “Madona”, “Spleen” (LXXIX) e “O sol”.² Sua reedição de 1905, pela editora lusitana Viúva Tavares Cardoso traz apenas “Spleen”. Sai nos anos 1920 pela Sauer (é de 1928 sua 4ª. ed.) e em 1984 é relançada pela EDIPUCRS. Os poemas “O frasco” e “O sol” foram incluídos em Magalhães Jr. (1950); “O frasco”, “Spleen” e “O sol”, em Schadeck (2016).

No ano seguinte, Vicente Augusto de Carvalho lança sua tradução de mais uma flor, “Remorso póstumo”, em seu livro *Ardentias*, reeditada em Schadeck (2016).

Em 1887, temos “O homem e o mar” em tradução de Augusto de Lima, no volume *Contemporâneas*, pela G. Leuzinger e Filhos. O poema é reeditado em 1909 em seu livro *Poesias*, pela H. Garnier, e em Félix Pacheco (1933b).

Em 1888, Olavo Bilac publica sua paráfrase “A cabeleira” em *Poesias*, pela Teixeira & Irmão. Foi incluída em Magalhães Jr. (1950) e Schadeck (2016).

² Aqui acrescenta-se o adendo de Antonio Candido (1989, 36): “... além de parafrapear ‘*Recueillement*’ em ‘Minha dor’ e ser o único até os nossos dias (salvo erro) a transpor ‘*Franciscae meae laudes*’ numa adaptação livre: ‘Termas de luz’”.



Carlos Ferreira, 1872; Fontoura Xavier, aqui na edição de 1905



Vicente A. de Carvalho, 1885; Augusto de Lima, 1887; Olavo Bilac, 1888

Século XX, dos anos 1900 aos anos 1920

Para 1900 temos a publicação de *Ermida*, livro de poemas de Cassiano Tavares Bastos, então com quinze para dezesseis anos, trazendo “Hino à beleza (simples imitação)”. Será reeditado em seu *Baudelaire no idioma vernáculo*, de 1963.

Em 1908 é lançado o livro *Vaidades*, de Manuel Batista Cepelos, contendo suas traduções de “O homem e o mar”, “Perfume exótico”, “Cabelos”, “Uma carniça”, “Harmonia da tarde”, “A uma malabarense” e “O vinho dos operários”. “O homem e o mar” será reeditado por Félix Pacheco (1933b), e “A uma malabarense” por Schadeck (2016).

Em 1912 sai “Perfume exótico” em *Visionário*, na tradução de Matheus de Albuquerque, pela Chardron de Lello.

Em 1917 aparecem mais três poemas: “O tonel de ódio”, “Uma carniça” e “O albatroz”, incluídos por Álvaro Reis em sua coletânea de 99 traduções de autores variados, chamada *Musa francesa*, publicada em Salvador. Essas traduções de Álvaro Reis foram republicadas por Félix Pacheco (1933a); as duas primeiras, por Magalhães Jr. (1950); a primeira delas, por Schadeck (2016).

Também em 1917, José Martins Fontes publica as traduções “Tristezas da lua” e “Sonho parisiense” em seu *Verão*, pela Typ. Escolástica Rosa, reeditado em 1921. “Tristezas da lua” foi incluído na *Antologia de tradutores*, de Olegário Mariano (1932) e em Magalhães Jr. (1950); e os dois poemas incluídos em Schadeck (2016).

Em 1924, saem “Elevação” e “Perfume exótico” em tradução de Henrique de Macedo, em seu livro *Nova primavera*, pela Santos e Macedo.



Henrique de Macedo, 1924

Os anos 1930; a primeira tradução integral

É partir da década de 1930 que Baudelaire traduzido e publicado em livro no Brasil começa a ganhar corpo. Mesmo assim, até 1936 ele continua a comparecer de forma avulsa, somente em antologias.

Em 1931, Onestaldo de Pennafort traduz e publica “O albatroz”, “Ciganos em viagem” e “Convite à viagem” em *Espelhos d’água – jogos da noite*, pela Terra do Sol, que são reeditados em *Poesias*, pela Simões, em 1954, e incluídos em Schadeck (2016).

Em 1932, Eugênio Figueiredo lança sua tradução “A beleza” em *Scherzos e sinfonias*.

Também em 1932,¹ a Guanabara publica a *Antologia de tradutores* organizada por Olegário Mariano. Nela constam cinco poemas de Baudelaire: “Elevação”, traduzido por Eduardo Guimaraens; “Tristezas da lua”, por José Martins Fontes; “Alba espiritual”, “O sino rachado” e mais um “Tristezas da lua”, por Félix Pacheco.

Em 1933, Félix Pacheco publica três plaquetas de tiragem limitada pela gráfica do Jornal do Comércio, Rodrigues & C., todas elas contendo traduções de Baudelaire. Vejamos os poemas e respectivos tradutores presentes nessas publicações de Félix Pacheco:

a. *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*, discurso que proferiu na Academia Brasileira de Letras em novembro de 1932, lançado no ano seguinte, traz suas traduções “Sublimação” e “Correspondências”.

b. *O mar, através de Baudelaire e Valéry* traz: “O albatroz”, “A vida anterior”, “O homem e o mar”, “Perfume exótico” e “A uma branca dos trópicos”, Félix Pacheco; “A vida anterior”, Otávio Augusto; “O homem e o mar”, Manuel Batista Cepelos; “O albatroz”, Antônio Define; “O albatroz”, Teófilo Dias; “O albatroz”, “A vida anterior”, “O homem e o mar” e “Perfume exótico”, José Gonçalves; “O albatroz”, “A vida anterior”, “O homem e o mar”, “Perfume exótico” e “A uma dama crioula”, Eduardo Guimaraens; “O homem e o mar”, Augusto de Lima; “O albatroz”, Álvaro Reis; “O homem e o mar”, Eduardo Tourinho. “A vida anterior” e “A uma dama crioula” serão reeditadas em Schadeck (2016).

c. *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire* traz: “O azar”, “Sepultura de um poeta maldito” e “Lamentações de um Ícaro”, Félix Pacheco; “Sepultura de um poeta maldito”, Elmano Cardim; “O azar” e “As queixas de um Ícaro”, Eduardo Guimaraens. As traduções de Félix Pacheco de “Sepultura” e “Lamentações” estão incluídas em Schadeck (2016).

Em 1934, sai uma quarta plaqueta de Félix Pacheco, *Baudelaire e os gatos*, pela mesma Rodrigues & C. Contém: “O gato” (XXXIV), “O gato” (LII) e “Os gatos” (LXVIII), Félix Pacheco; “O gato” (XXXIV) e “Os gatos” (LII e LXVIII), Erastro (pseud.); “Os gatos”, Lindolfo Gomes. As três traduções de Félix Pacheco são incluídas em Schadeck (2016).

No mesmo ano, temos “A gigante” em tradução de José Martins Fontes em seu *Nos rosais das estrelas*, Santos, que será republicada em 1936 em *Poesias completas*.

Em 1936, Guilherme de Almeida lança sua seleção e tradução de *Poetas de França*, pela Companhia Editora Nacional. De Baudelaire, o volume traz “Perfume exótico”, “A cabeleira”, “O convite à viagem”, “Spleen” II, III e IV e “O gosto do nada”. Esses poemas serão republicados em

¹ Há quem dê o ano de 1933. Como o volume não traz data de publicação, adoto aqui o ano que consta em sua biografia oficial na ABL e em outras fontes.

seu florilégio de 1944. Em 2011, essa seleta é relançada pela editora Babel, com apoio da Casa das Rosas.

Então, em 1937 vem um fato até então inédito: pela primeira vez temos a tradução integral de uma obra de Baudelaire no Brasil. É o volume de seus *Pequenos poemas em prosa*, lançado pela Athena Editora em sua Biblioteca Clássicos, pela lavra de um certo “Paulo M. de Oliveira”. Na verdade, tratava-se de pseudônimo utilizado por Aristides Lobo, com que assinou várias traduções suas durante os períodos que passou encarcerado como preso político durante a ditadura Vargas.²

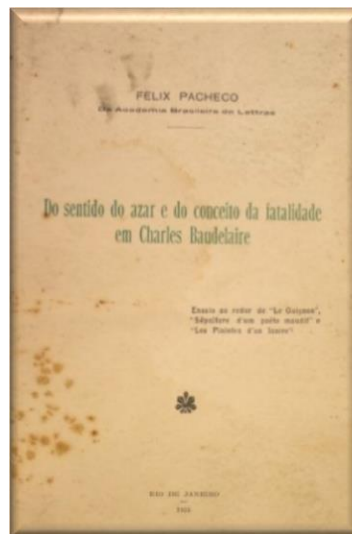
Ainda em 1937, Osório Dutra lança seu livro *Serenidade* pela Civilização Brasileira, contendo a tradução de “Os gatos”. Esta será reeditada em 1948 em *Cores, perfumes e sons*.

Em 1939, Wenceslau de Queiroz lança sua paráfrase de “*De profundis clamavi*” e “O céu” em *Rezas do diabo*, pela gráfica Revista dos Tribunais. Foram incluídos em Magalhães Jr. (1950) e Schadeck (2016).



Onestaldo de Pennafort, 1931; Vários, 1932

² Sobre Aristides Lobo e seu pseudônimo “Paulo M. [de] Oliveira”, ver BOTTMANN (2012). Sobre o pioneirismo editorial da Athena, ver BOTTMANN (2012-2016).



Félix Pacheco e outros, 1933



Félix Pacheco e outros, 1933 e 1934



Guilherme de Almeida, 1936; "Paulo M. de Oliveira", 1937

Os anos 1940

Em 1941, sai "Le poison" naquela inédita tradução de Luiz Delfino de 1871, numa coletânea póstuma de poemas e traduções de sua lavra, chamada *O Cristo e a adúltera*, pela Irmãos Pongetti. Foi reeditado em Schadeck (2016).

Em 1942, Álvaro Goulart de Oliveira publica "Harmonia da tarde" e "Recolhimento" em seu volume *Rosácea sem luz*, pela Elvino Pacai.

Nessa altura, temos um caso interessante que registro a título de curiosidade, embora não se trate de uma tradução. A francesa Librairie Victor, durante a ocupação nazista na França, criou uma espécie de sucursal no Rio de Janeiro, chamada Chantecler, editando em francês obras que teria dificuldade de publicar na França ocupada. Em 1942, entre suas primeiras publicações, a Chantecler – "*département des éditions littéraires de la Librairie Victor*", como se apresentava no colofão de seus livros – lançou *Les Fleurs du mal* em "*édition définitive*", com prefácios de André Gide e Théophile de Gautier, trazendo inclusive os seis poemas proibidos de Baudelaire, que só seriam liberados na França em 1949.

Em 1943, temos uma seleta com o curioso título de *Arabescos filosóficos*, em tradução de Dyrio Gorgot, como quarto volume da coleção "Os Grandes Pensadores", da editora Vecchi. Traz 27 dos pequenos poemas em prosa, destacando excertos e aforismos: "Estrangeiro", "Um engraçado", "O louco e a Vênus", "O cão e o frasco", "As multidões", "As viúvas", "A solidão", "Olhos de pobres", "Moeda falsa", "Embriagai-vos", "As janelas", "Cavalo de raça", "O porto", "*Anywhere out of the world*", "Exterminemos os pobres", "Os bons cães", "Desespero de velha", "A morte espiritual", "O mal vítreo", "A mulher selvagem e a querida", "O velho saltimbanco", "O

relógio”, “Brinquedo de pobre”, “Presentes de fadas”, “As tentações, ou Eros, Ploto e a Glória”, “Os projetos” e “Morte heroica”.

Em 1943, Osório Dutra publica “Sísifo” e “A vida anterior” em seu volume *Mundo sem alma*, pela Sauer. “Sísifo” será reeditado em 1948 em *Cores, perfumes e sons*.

Em 1944, a José Olympio publica em sua Coleção Rubáiyát o florilégio com 21 poemas selecionados e traduzidos por Guilherme de Almeida, *Flores das “Flores do mal” de Charles Baudelaire*, que terá grande fama. São retomados os sete poemas publicados em 1936, em *Poetas de França*, e acrescentados catorze, a saber: “Benedição”, “O albatroz”, “A vida anterior”, “A beleza”, “Hino à beleza”, “Uma carniça”, “Remorso póstumo”, “Hoje, que dirás tu...”, “A bela nau”, “Spleen” [LXXVIII], “Recolhimento”, “A uma passante”, “A alma do vinho” e “As litanias de Satã”. “O albatroz”, “Remorso póstumo” e “A alma do vinho” foram incluídos em Magalhães Jr. (1950).

Note-se de passagem: em 1996, sai o que parece ser uma seleta da seleta de Guilherme de Almeida, a cargo de Maura Sardinha, com o título de *Algumas flores de Flores do mal*, que a Ediouro publicou em sua coleção Clássicos de Ouro. O volume traz na quarta capa um tosquíssimo apelo ao leitor, nos versinhos paródicos do cantor Antônio Maria:

[...] Ninguém Me Ama, Ninguém Me Quer... Ninguém Me Chama de Baudelaire...” – a Famosa Frase Se Justifica Neste Volume da Coleção Clássicos de Ouro. Com a Leitura, Percebe-se que Muitos Gostariam de Ser Chamados de Baudelaire, Tamanha a Habilidade Verbal do Escritor.

Em 2011, o florilégio de Guilherme de Almeida volta a ser condignamente publicado pela editora 34, com as ilustrações que Matisse fizera para uma edição francesa em 1947 e uma apresentação de Manuel Bandeira, de 1965.

Voltando aos anos 1940, ainda em 1944, com o monumental lançamento da obra quase completa de Edgar Allan Poe no Brasil em *Poesia e prosa*, pela Editora Globo de Porto Alegre, temos o prefácio “O homem e a obra”, ensaio de Baudelaire sobre Poe, em tradução de Milton Amado e Oscar Mendes. É reeditado pela Nova Aguilar em 1986 e reedições, e em *Poemas e ensaios* pela Globo em 2009.

Também em 1944, a Vecchi publica *Os mais belos contos franceses dos mais famosos autores*, trazendo “Os dons das fadas” em tradução de Frederico dos Reis Coutinho, com reedições até 1958.

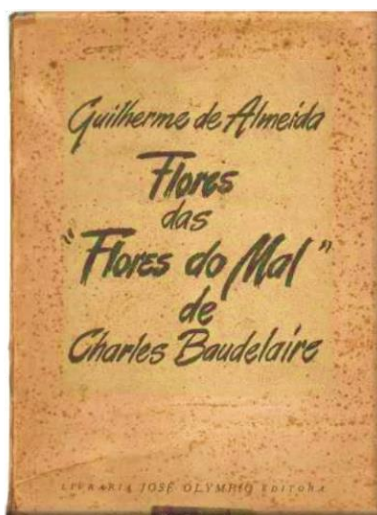
Em 1945, Manuel Bandeira tem sua tradução de “Epílogo” (dos *Pequenos poemas em prosa*) publicada em *Poemas traduzidos*, uma edição de luxo com tiragem limitada pela R.A. [Revista Acadêmica]. Sai em sucessivas reedições aumentadas pela Globo em 1948; pela José Olympio, Coleção Rubáiyát, em 1956; pela Edições de Ouro em 1966; pela José Aguilar, em

Poema e prosa, em 1976, e Nova Aguilar em 2009; pela Global em 2016, e nas inúmeras impressões e reimpressões de *Estrela de vida inteira*.

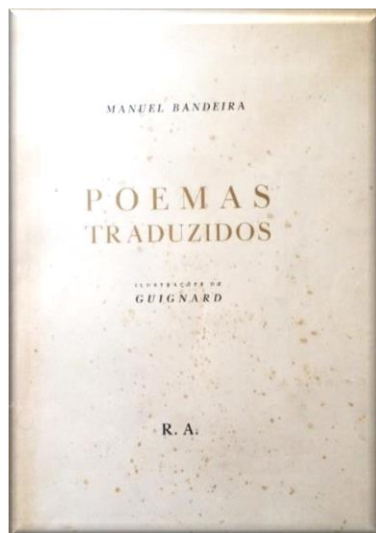
Para 1947, registro outra curiosidade: o lançamento de uma edição de luxo de *Les Fleurs du mal*, em francês, com tiragem restrita a 500 exemplares, pelo efêmero Instituto Progresso Editorial, como primeiro volume de sua “Collection de Poètes Maudits”.

Em 1948, temos uma preciosidade editorial: João Cabral de Melo Neto imprime e publica *Cores, perfumes e sons: poemas de Baudelaire*, com 35 poemas em tradução de Osório Dutra, com tiragem restrita a 100 exemplares. Sai pel’ “O Livro Inconsútil”, a pequena editora e gráfica artesanal de João Cabral em Barcelona. A título de curiosidade, consta que o nome “O Livro Inconsútil” lhe foi sugerido por Manuel Bandeira, designando a brochura de folhas soltas, sem costura, e provavelmente também (imagino eu) com uma piscadela à *Túnica inconsútil* de Jorge de Lima. Os poemas presentes em *Cores, perfumes e sons* são os seguintes: “Elevação”, “Correspondências”, “O inimigo”, “Sísifo” (trad. livre), “Boêmios em viagem”, “A beleza”, “O ideal”, “A gigante”, “Perfume exótico”, “Adoro-te à feição...”, “A mulher estéril”, “*De profundis clamavi*”, “A judia” (XXXII), “O balcão”, “O anjo da guarda” (XLII), “Harmonia da tarde”, “Convite à viagem”, “Conversação”, “Soneto de outono”, “Os gatos” (LXVIII), “O sino rachado”, “Spleen” (LXXVII), “Obsessão”, “A marmita”, “Hino”, “Pôr do sol romântico”, “O abismo”, “Recolhimento”, “Os cegos”, “A mulher que passa”, “Epígrafe para um livro condenado”, “A destruição”, “A fonte de sangue”, “A morte dos pobres” e “A viagem”. “Perfume exótico” é relançado em Magalhães Jr. (1950) e “Os cegos” em Schadeck (2016).

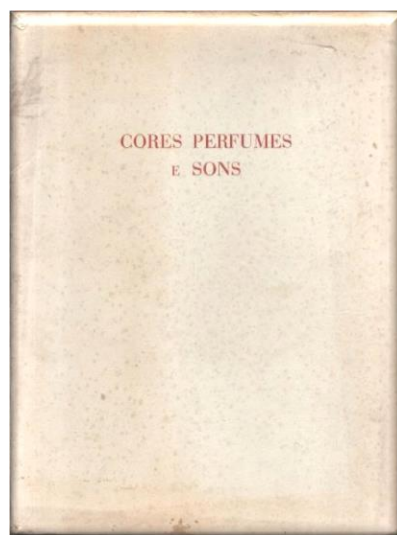
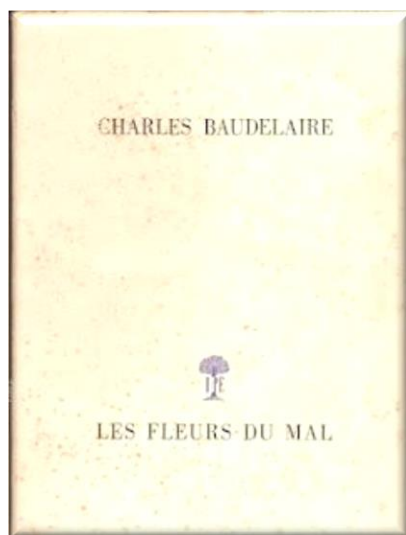
171



Álvaro G. de Oliveira, 1942; Guilherme de Almeida, 1944



Frederico dos Reis Coutinho, 1944; Manuel Bandeira, 1945



Ch. Baudelaire, 1947; Osório Dutra, 1948

Os anos 1950

Um lançamento importante em 1950 é a *Antologia de poetas franceses (do século XV ao século XX)*, organizada por Raymundo Magalhães Jr., em dois volumes, pela editora Tupy. O interessante a notar nessa antologia é a compilação desde traduções iniciais de Baudelaire publicadas no século XIX em suportes mais efêmeros, como jornais e revistas, num total de 25 poemas seus. São eles, com seus respectivos tradutores: "A cabeleira" (paráfrase), Olavo Bilac; "Os gatos", Delfim Guimarães (de Portugal); "O albatroz", "A alma do vinho" e "Remorso póstumo", Guilherme de Almeida; "De profundis clamavi" (paráfrase) e "O céu...", Wenceslau de Queiroz; "O frasco" e "O sol", Fontoura Xavier; "Um morto alegre", "Luminares", "Litanias de Satã", "Oração", "Intimidade", "Encontro de rua", "O sino partido", Paulo Cesar Pimentel; "A gigante", Lopes Filho; "Tristezas da lua", Martins Fontes; "O tonel do ódio" e "Uma carniça",

Álvaro Reis; “Elevação”, Eduardo Guimaraens; “O convite para a viagem”, Felipe d’Oliveira; “Perfume exótico”, Osório Dutra; “O espectro” e “A fonte de sangue”, Teófilo Dias.

Ainda em 1950, sai uma nova tradução dos *Pequenos poemas em prosa*, também na íntegra, agora por Aurélio Buarque de Hollanda, na já citada Coleção Rubáiyát da editora José Olympio. A partir de 1976, a tradução de Aurélio Buarque passa a ser publicada pela Nova Fronteira.

Em 1952, a W.M. Jackson lança uma extensa coletânea de *Poesias* em dois tomos, correspondentes aos volumes XXXVIII e XXXIX de sua coleção Clássicos Jackson, com organização de Ary de Mesquita, trazendo de Baudelaire “A carniça” em tradução sua e “Dança macabra” em tradução de Mário Faccini. Essa antologia foi republicada em 1988 pela Ediouro com o título de *O livro de ouro da poesia universal*.

No mesmo ano, Heitor Fróes lança “O inimigo” em *Meus poemas... dos outros*, em Salvador.

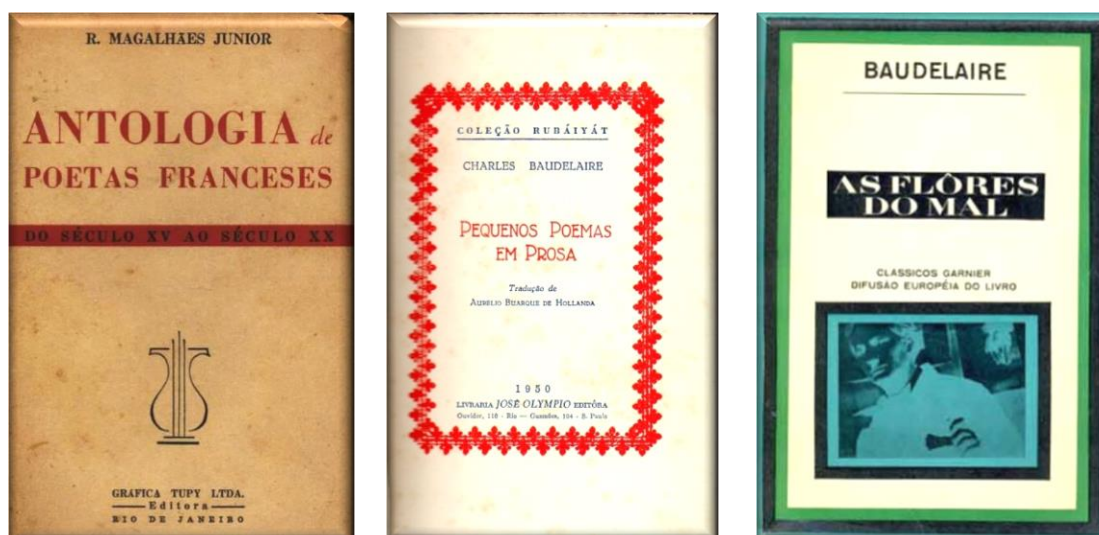
Em 1953, temos as adaptações “Elevação” e “*Semper eadem*” por Hélio Teixeira, em seu volume *Ritmos*, pela Cicerone Brasileiro. “Elevação” é reeditada em 1955, no volume *Horizonte (poemas e trovas)*, pela Tupy.

Em 1955, saem mais duas flores adaptadas por Hélio Teixeira em *Horizonte (poemas e trovas)*, pela Tupy: “O homem e o mar” e “Noturno” (paráfrase), além da reedição de “Elevação”.

Em 1958, Aurélio Buarque de Hollanda e Paulo Rónai lançam o terceiro volume de *Mar de histórias*, em seleção e tradução de ambos, trazendo “A morte heroica”. Na edição revista e aumentada dessa antologia do conto mundial pela Nova Fronteira, a partir de 1980 o conto de Baudelaire passa a constar no quarto volume, “Do romantismo ao realismo”.

Em 1958, mais um marco na baudelairiana brasileira: saem as *Flores do mal* na tradução praticamente integral de Jamil Almansur Haddad – faltando, alerta-nos Junqueira (1985), apenas cinco dos poemas que compõem a obra – pela Difusão Europeia do Livro (DIFEL), em sua coleção Clássicos Garnier. Será publicada também pela Max Limonad em 1981, em 1984 pela Abril Cultural e pelo Círculo do Livro, com reedições até 1995. Depois dessa data, triste destino tem a afamada tradução de Jamil Almansur Haddad: a partir de 2001, é despudoradamente apropriada e estropiada pela Martin Claret, em sucessivas reedições até 2011, atribuindo sua lavra a Pietro Nassetti.³

³ Ver a propósito o pioneiro artigo de Ivo Barroso, desde 2001 denunciando a fraude em “Flores roubadas de jardim alheio”, artigo disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ibarroso3.html>.



Vários, 1950; Aurélio Buarque de Hollanda, 1950; Jamil Almansur Haddad, 1958

Os anos 1960

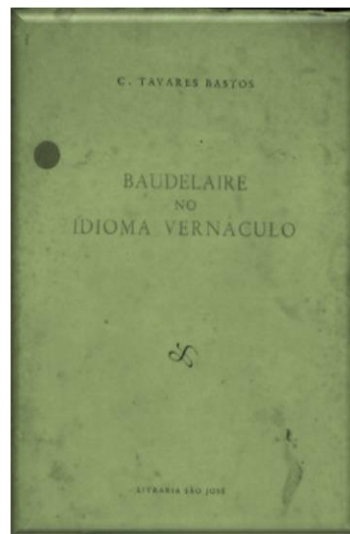
Voltando a ares mais salubres, em 1961 temos um de seus pequenos poemas em prosa, "O jogador generoso", em *Obras primas do conto fantástico*, com organização de Jacob Penteadó para a Livraria Martins, em sua coleção Obras-Primas.

Em 1963, há o lançamento de um importante estudo bibliográfico de Baudelaire no Brasil, por Cassiano Tavares Bastos, chamado *Baudelaire no idioma vernáculo*, pela São José. O volume inclui suas traduções de "A gigante", "Sed non satiata", "Francisca meae laudes", "Exame da meia-noite", "O fim da jornada" e a reedição de "Hino à beleza". "Exame da meia-noite" e "O fim da jornada" foram reeditados por Schadeck (2016).

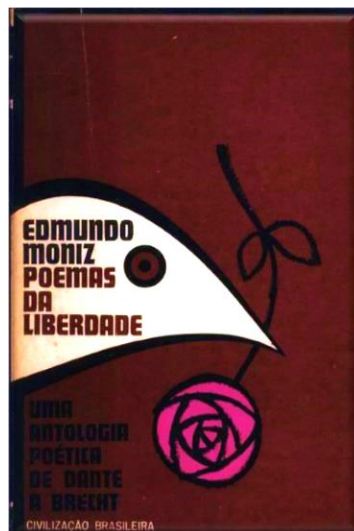
Ainda em 1963, "A fanfarlô" comparece na coletânea *Novelas francesas*, organizada por Alcântara Silveira, pela Cultrix, com tradução de Leyla Perrone-Moysés. Vale notar que, pelo menos entre as publicações em livro, esta é a primeira tradução de Baudelaire feita por uma mulher.

Em 1964, Mauro Mendes Villela lança sua tradução com *Algumas "Flores do mal"*, pela Bernardo Álvares de Belo Horizonte. São dezessete, a saber: "O albatroz", "Bênção", "O homem e o mar", "O sino fendido", "Elevação", "Reversibilidade", "A música", "O inimigo", "Recolhimento", "Correspondências", "Canto de outono", "Spleen", "Castigo do orgulho", "O relógio", "Harmonia da tarde", "As velhinhas", "A beleza".

Em 1967, sai pela Civilização Brasileira uma antologia com seleção e tradução de Edmundo Moniz, *Poemas da liberdade – uma antologia poética de Dante a Brecht*. Baudelaire está presente com "Crepúsculo da tarde".



Não consta, 1961; Tavares Bastos e outros, 1963



Edmundo Moniz, 1967

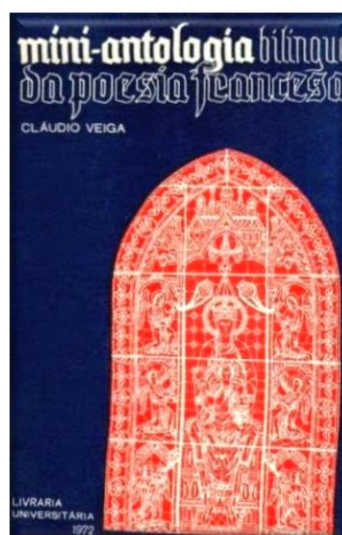
Os anos 1970

Para a década de 1970, tenho notícia de três publicações.

Em 1971, sai a primeira tradução efetivamente integral das *Flores do mal*, feita por Ignácio de Souza Moitta, de tiragem restrita, lançada pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará, em sua Coleção Cultural Paraense.

Em 1972, Cláudio Veiga lança sua *Miniantologia bilingue da poesia francesa*, com dois poemas de Baudelaire: “Correspondências” e “Recolhimento”, pela Livraria Universitária. Serão republicados em sua nova antologia bastante ampliada de 1991 e novamente aumentada em 1999 (ver adiante).

Em 1979, Dante Milano publica a tradução de catorze poemas de Baudelaire em seu volume de *Poesia e prosa*, pela editora da UERJ e Civilização Brasileira. São eles: “Estes versos te dou...”, “*Semper eadem*”, “A música”, “O gato” (XXXIV), “Horror simpático”, “Um fantasma” (I – As trevas), “Canção da sesta”, “*O heautontimoroumenos*”, “O irremediável”, “Spleen” (LXXVII), “O repuxo”, “O Letes”, “Brumas e chuvas” e “O relógio”. Serão reeditados em 1988, em sua antologia *Poemas traduzidos de Baudelaire e Mallarmé*.



Ignácio de Souza Moitta, 1971; Cláudio Veiga, 1972

Os anos 1980

Em 1981, temos *Meu coração desnudado*, em tradução de Aurélio Buarque de Hollanda, pela Nova Fronteira.

Em 1982, saem *Os paraísos artificiais* (“O ópio” e “Poema do haxixe”), em tradução de Alexandre Ribondi, Vera Nóbrega e Lúcia Nagib, no segundo volume da coleção “Rebeldes Malditos” da L&PM.

Em 1984, temos *Coração desnudado: 8 poetas franceses*, em seleção e tradução de Maria José de Carvalho, em edição bilingue, pela editora Roswitha Kempf. De Baudelaire há “XXV”, “*sed non satiata*”, “o gato”, “alquimia da dor”, “os gatos”, “a cabeleira” e “as litânias de satã”. Vale notar que estes são os primeiros poemas de Baudelaire em livro com tradução de lavra feminina.

Em 1985, sai pela Nova Fronteira outra tradução integral d’*As flores do mal*, que se celebrizará: realizada por Ivan Junqueira, traz também amplo aparato crítico e bibliográfico. Em 1995 é republicada em *Poesia e prosa* de Charles Baudelaire, com organização de Ivo Barroso, e em 2012 passa a ser editada também pela Saraiva de Bolso.

Para 1985, temos “Correspondências” em tradução de Eliane Fittipaldi, em *A estética simbolista*, em organização de Álvaro Cardoso Gomes, pela Cultrix.

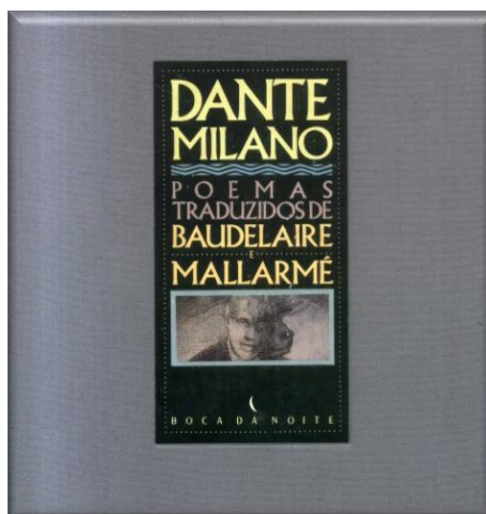
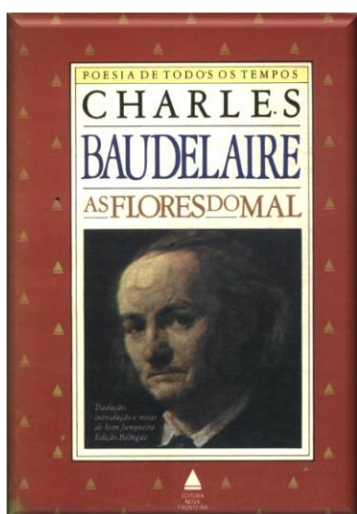
Ainda no mesmo ano, há a publicação póstuma da “Carta de Paris”, de Ana Cristina César, paráfrase de “*Le cygne*”, em *Inéditos e dispersos*, pela Brasiliense.

Em 1987, temos “A gigante” em tradução de Décio Pignatari, na coletânea *Folhetim: poemas traduzidos*, pela editora da Folha de S. Paulo. Reeditado em *Poesia pois é poesia 1950-2000*, pela Ateliê/EdUNICAMP, em 2004.

Em 1988, aparece *A modernidade de Baudelaire*, com organização de Teixeira Coelho e tradução de Suely Cassal, pela Paz e Terra. É reeditada em 1996 obra *Sobre a modernidade*, em sua coleção Leitura.

Também em 1988, sai a respeitada coletânea de *Poemas traduzidos de Baudelaire e Mallarmé*, por Dante Milano, pela editora Boca da Noite. Traz ao todo 38 poemas, catorze publicados em 1979 em *Poesia e prosa*, e mais “Ao leitor”, “Adorar-te é adorar a cúpula noturna”, “A carniça”, “A varanda”, “Toda ela”, “A que está sempre alegre”, “Harmonia da tarde”, “Mártir”, “A Beatriz”, “Uma viagem a Cítera”, “O vinho do solitário”, “A morte dos amantes”, “A morte dos pobres”, “Hino à Beleza”, “Um fantasma – O retrato”, “Canto de outono”, “Soneto de outono”, “Obsessão”, “Amor à ilusão”, “Hino”, “Sobre ‘O Tasso na prisão’, de Delacroix”, “O absimo”, “O exame da meia-noite” e “Recolhimento”.

Ainda em 1988, temos mais uma tradução de *Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris...)*, agora por Dorothée de Bruchard, em edição bilíngue, pela editora da UFSC. Essa tradução foi relançada pela Hedra em 2007.



Ivan Junqueira, 1985; Dante Milano, 1988

Os anos 1990

Em 1990, temos “As promessas de um rosto” na antologia *Poesia erótica em tradução*, com seleção e tradução de José Paulo Paes, pela Companhia das Letras.

Também em 1990, sai *Richard Wagner e Tannhäuser em Paris* em edição bilíngue pela EdUSP e Imaginário, com tradução de Plínio Augusto Coelho e Heitor Ferreira da Costa. Essa tradução foi relançada em 1999 pela Scrinium/ Contracapa, como oitavo volume de sua coleção Canto Literário.

Em 1991, sai “O homem e o mar” em tradução de Ivo Barroso, em sua antologia *O torso e o gato – o melhor da poesia universal*, pela Record.

Continuando em 1991, temos *Escritos sobre arte*, com quatro ensaios de Baudelaire em tradução de Plínio Augusto Coelho, pela EdUSP e Imaginário. São eles: “Da essência do riso”, “Alguns caricaturistas estrangeiros”, o póstumo “A arte filosófica” e “A obra e a vida de Eugène Delacroix”. Em 1995, um excerto de “Alguns caricaturistas estrangeiros” é republicado em *Os caprichos de Goya*. O volume é relançado pela Hedra em 2008.

No mesmo ano, temos *Poetas franceses do século XIX*, com seleção e tradução de José Lino Grünewald, pela Nova Fronteira, com “Um alegre cabaré na estrada de Bruxelas a Uccle”.

Também em 1991, sai a coletânea *Os catalépticos* com organização de Antônio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Roberto Prado e Sérgio Viralobos, pela curitibana Lagarto. Traz em “livre-adaptação”, como propugna Wojciechowski, os poemas “Alma do vinho” (Wojciechowski e R. Prado) e “O vinho dos amantes” (M. e R. Prado, Wojciechowski).

Ainda em 1991, é lançada a *Antologia da poesia francesa (do século IX ao século XX)*, selecionada e traduzida por Cláudio Veiga, pela Record. São reeditados os poemas já presentes em sua *Miniantologia* de 1972, “Correspondências” e “Recolhimento”, e são acrescentados “Os gatos”, “O sino rachado”, “Os cegos”, “Harmonia do entardecer”, “*Spleen (Quand le ciel bas et lourd...)*” e “As velhinhas”. Em sua reedição ampliada de 1999, foram incluídos mais três poemas: “A morte dos amantes”, “A morte dos pobres” e “A morte dos artistas”.

Em 1992, sai o volume com *Reflexões sobre meus contemporâneos*, em tradução de Plínio Augusto Coelho, pela EdUC e Imaginário.

Em 1992, temos *Um comedor de ópio*, em tradução de Annie Marie Cambe, pela Newton Compton.

Em 1993, a Vozes publica *Obras estéticas: filosofia da imaginação criadora*, em tradução de Edison Darci Heldt.

No mesmo ano, Mário Laranjeira lança seu *Poética da tradução – do sentido à significância* na coleção Criação e Crítica, v. 12, pela EdUSP. O livro traz em apêndice uma

seção de “Poemas e traduções”, contendo para Baudelaire “La Mort des amants” e as traduções de Jamil Almansur Haddad e de Ivan Junqueira.

Em 1994, a Newton Compton publica outra tradução d’*O poema do haxixe*, por Annie Marie Cambe.

Em década tão fértil, merece destaque o alentado volume de *Poesia e prosa* organizado por Ivo Barroso, que sai em 1995 pela Nova Aguilar, acompanhado de extenso aparato crítico. Contém: *As flores do mal*, *Pequenos poemas em prosa*, *Paraísos artificiais*, “Seleta de máximas consoladoras sobre o amor”, “A fanfarrô”, “Moralidade do brinquedo”, *Projéteis*, *Meu coração a nu*, “Como pagar as dívidas quando se tem gênio”, “Conselhos aos jovens literatos”, “Madame Bovary”, “Théophile Gautier”, “Reflexões sobre alguns de meus contemporâneos”, “Os miseráveis”, “Aniversário do nascimento de Shakespeare”, “Edgar Allan Poe”, “Salão de 1845”, “O museu clássico do Bazar Bonne-Nouvelle”, “Salão de 1846”, “Da essência do riso e, de modo geral, do cômico nas artes plásticas”, “Alguns caricaturistas franceses”, “Alguns caricaturistas estrangeiros”, “Exposição Universal (1855)”, “A arte filosófica”, “Salão de 1859”, “O pintor da vida moderna”, “A obra e a vida de Eugène Delacroix”, “Carta a Wagner”, “Richard Wagner e o Tannhäuser em Paris”. Os tradutores, entre portugueses e brasileiros, são Alexei Bueno, Antonio Paulo Graça, Aurélio Buarque de Hollanda, Cleone Augusto Rodrigues, Fernando Guerreiro, Heitor Ferreira Costa, Ivan Junqueira, Joana Angélica d’Ávila Melo, José Saramago, Maiza Martins de Siqueira, Manuel Bandeira, Marcela Mortara, Mario Pontes, Marise M. Curioni, Plínio Augusto Coelho, Suely Cassal e Wilson Coutinho.

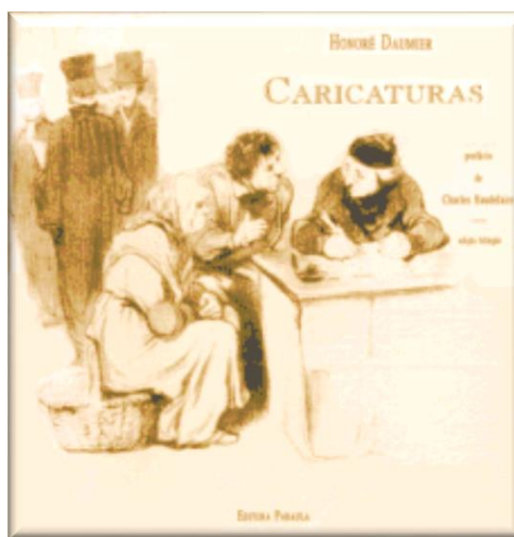
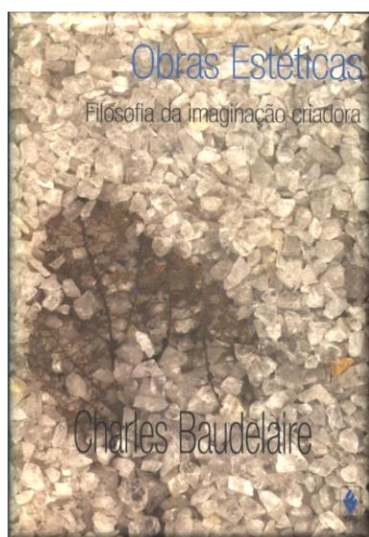
Ainda em 1995, a Imago lança *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*, em tradução de Leda Tenório da Motta.

Também em 1995 saem *Os Caprichos de Goya* com artigos de vários autores, pela Imaginário, retomando o ensaio de Baudelaire, “Alguns caricaturistas estrangeiros”, lançado pela mesma editora no supracitado *Escritos sobre arte* (1991).

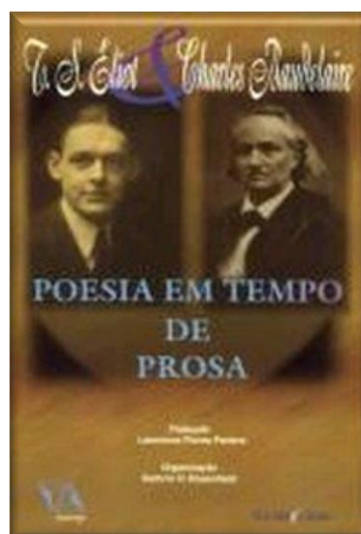
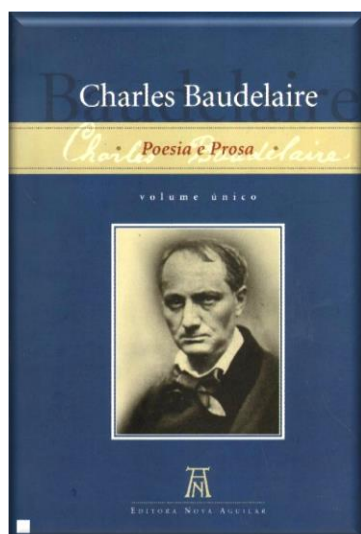
No mesmo ano, pela editora Paraula temos “Alguns caricaturistas franceses: Daumier”, à guisa de prefácio do volume *Caricaturas*, de Honoré Daumier, com tradução por Sueli Bueno Silva e Eloísa Silveira Vieira.

Em 1996, sai pela Iluminuras/FAPERGS uma coletânea organizada por Kathrin Rosenfield, chamada *Poesia em tempo de prosa*, com poemas de T.S. Eliot e Baudelaire (de Baudelaire temos “As réprobas”, “O gato”, “O cachimbo”, “A serpente que dança”, “A alma do vinho”, “O albatroz”, “O gosto do nada”, “Spleen” e “Os paraísos artificiais”) traduzidos por Lawrence Flores Pereira.

Também em 1996, temos mais uma tradução de “A fanfarlo”, por Elisa Tamajusuku, Carmen Serralta e Rosa M. de Freitas, em edição bilíngue pela editora Paraula.



Edison Darci Heldt, 1993; Sueli B. Silva e Eloísa S. Vieira, 1995



Vários, 1995; Lawrence Flores Pereira, 1996

Século XXI, os anos 2000

Em 2001, sai “O vinho”, com tradução de Alexandre Ribondi, numa coletânea chamada *Prazeres e riscos*, com textos de vários autores, pela L&PM.

Também em 2001, temos a espantosa fraude da Martin Claret citada mais acima, com a apropriação e estropiamento da tradução de Jamil Almansur Haddad, espuriamente atribuída a Pietro Nassetti.⁴

⁴Ver o ano de 1958 e respectiva nota.

Em 2002, Bruno Tolentino publica seu *O mundo como ideia*, pela Globo Livros, trazendo a tradução de três poemas de Baudelaire: “O abismo”, “O inimigo” e “Os faróis”.

No mesmo ano, a editora Landy publica *Pequena antologia de poemas franceses – de François Villon a Fernando Pessoa*, edição bilíngue com concepção e tradução de Renata Cordeiro. De Baudelaire temos “A cabeleira” e o poema em prosa “Um hemisfério numa cabeleira”.

Também em 2002, Baudelaire comparece com “Edgar Poe, sua vida e suas obras” em posfácio a *A narrativa de Arthur Gordon Pym*, de Poe, com tradução de José Marcos Mariani de Macedo, pela Cosac Naify, em sua coleção Prosa do Mundo.

Em 2003, temos outro *O poema do haxixe*, agora em tradução de Eduardo Brandão pela Aquariana.

Ainda em 2003, sai *Flores do mal: o amor segundo Charles Baudelaire*, com tradução de Juremir Machado da Silva, em edição bilíngue, pela editora Sulina. Traz 84 flores, entre elas “A serpente que dança”, “A uma passante”, “Os olhos de Berta”, “A cabeleira”, “A beleza”, “Tristezas da lua”, “O gato”, “O vinho dos amantes”, “Perfume exótico”, “A bela nau”.

No mesmo ano, temos “Uma morte heroica” na tradução de José Augusto Carvalho e Luiz Cavalcanti de Menezes Guerra, na antologia *Contos franceses eternos*, organizada por Maria do Carmo Sepúlveda Campos e publicada pela Bom Texto.

Também em 2003, a Ícone publica *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*, em tradução de Lúcia Santana Martins.⁵

Em 2004, Anderson Braga Horta lança pela Thesaurus a obra *Traduzir poesia*, com a tradução das seguintes flores: “Correspondências”, “O albatroz”, “Elevação”, “Hino à beleza”, “*De Profundis Clamavi*”, “A música”, “*Spleen (Quand le ciel bas et lourd...)*”, “A destruição”, “A morte dos pobres” e “O fim da jornada”.

No mesmo ano, a Editora 34 lança o primeiro volume de *A pintura, textos essenciais*, organizado por Jacqueline Lichtenstein e tradução coordenada por Magnólia Costa. O volume traz “Salão de 1846 (Eugène Delacroix)”.

Ainda em 2004, temos o *Dicionário filosófico de citações* de Léon-Louis Grateloup, em tradução de Marina Appenzeller, pela Martins Fontes. Foi reeditado pela Coleção Folha Grandes Nomes do Pensamento, pelo Grupo Folha, em 2015.

⁵ Ainda em 2003, e apenas para constar, duas traduções portuguesas são publicadas no Brasil: *Os paraísos artificiais*, por José Saramago, pela Ediouro; *O meu coração a nu*, por Maria Archer, pela Planeta de Agostini, num volume miniatura de 7 cm.

Em 2005, sai pela Thesaurus o volume *Poesia francesa: pequena antologia bilingue*, trazendo "Recolhimento", "A música", "O inimigo" e "A uma passante", a cargo de José Jeronymo Rivera.

Em 2006, temos novamente "O jogador generoso" na antologia *Os melhores contos fantásticos*, organizada por Flávio Moreira da Costa, em tradução de Celina Portocarrero, na coleção "Escolha de Mestre", pela Nova Fronteira.

Em 2006, a Record lança uma nova tradução de *Pequenos poemas em prosa*, agora por Gilson Maurity, "que se esmera em tornar a obra mais acessível ao grande público... evitando rebuscamentos de estilo ou a utilização de palavras pouco frequentes na linguagem atual", seja lá o que isso signifique.

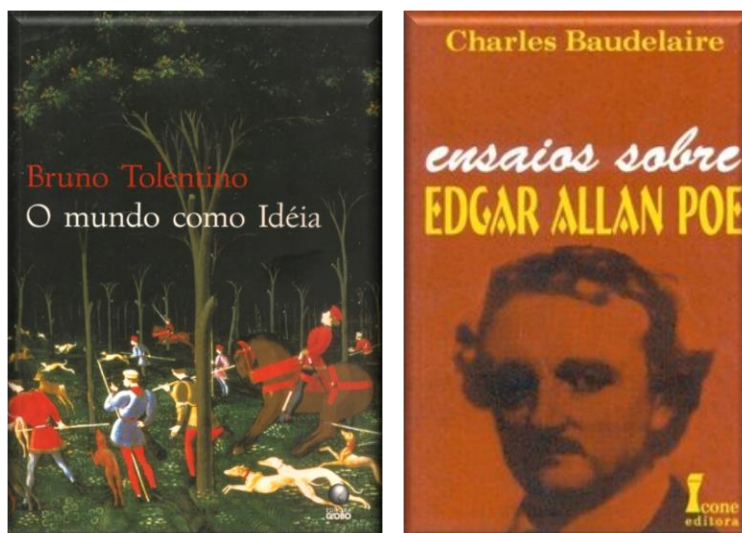
Em 2008, temos uma coletânea chamada *O desejo de pintar e outros poemas em prosa*, organizada por Denyse Cantuária, com tradução e ilustrações de Mario Vale, pela Noovha América. Traz "O relógio", "Brinquedo de pobre", "As janelas", "O desejo de pintar", "O porto" e "A perda da auréola".

Em 2009, a Autêntica lança uma coletânea chamada *Manual do dândi: a vida com estilo*, em sua coleção Mimo, em organização e tradução de Tomaz Tadeu. Baudelaire comparece com seu ensaio "O dândi".

Também em 2009, sai outra tradução de *Meu coração desnudado*, esta por Tomaz Tadeu, em edição bilingue, também na coleção Mimo da editora Autêntica.

Ainda em 2009, sai pela Biblioteca Azul da Globo Livros a antologia *A alma do vinho*, em organização e tradução de Waldemar Rodrigues Pereira Filho, contendo "A alma do vinho" de Baudelaire.

No mesmo ano, mais um *O esplim de Paris: pequenos poemas em prosa*, em tradução de Oleg de Almeida, pela Martin Claret.



Bruno Tolentino, 2002; Lúcia S. Martins, 2003



Anderson Braga Horta, 2004

Os anos 2010

Em 2010, temos uma coletânea chamada *Paisagem moderna*, com textos de Baudelaire e Ruskin selecionados e traduzidos por Daniela Kern, pela editora Sulina. Os textos de Baudelaire presentes na coletânea são “Salão de 1845: Paisagens”; “Salão de 1846: Da paisagem”; “Os dois crepúsculos” [i.é, uma carta, dois poemas – “A noite” e “A manhã” – e dois poemas em prosa – “O crepúsculo da noite” e “A solidão”]; “Salão de 1859: A Paisagem”; “Exposição Universal de 1855: Método de crítica. Da ideia moderna do progresso aplicada às Belas Artes. Deslocamento da vitalidade”; “Salão de 1859: O público moderno e a fotografia”; “O pintor da vida moderna”.

No mesmo ano, sai mais um *O pintor da vida moderna*, em tradução de Tomaz Tadeu, na coleção Mimo da Autêntica.

Também em 2010, a Berlendis e Vertecchia publica *Caninos: antologia do vampiro literário*, com organização de Bruno Berlendis de Carvalho, trazendo de Baudelaire “Metamorfoses do vampiro” em tradução de Ferreira Gullar.

Ainda em 2010, mais uma tradução de *Pequenos poemas em prosa*, agora num atroz cometimento de Milton Lins pela editora Bagaço.⁶

Em 2011, a Martin Claret lança uma tradução de Mário Laranjeira para *As flores do mal*, substituindo após várias denúncias aquele acinte que era a estropiada reprodução da tradução de Almansur em nome de Pietro Nasseti.

Também em 2011, sai mais uma tradução de *As flores do mal*, agora por Helena Amaral, pela editora Multifoco.

No mesmo ano, temos *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*, em organização de Roberto Acízelo de Sousa, pela Argos/UNOCHAPECÓ. Baudelaire comparece na antologia com “A imaginação”, excerto de *O pintor da vida moderna [A modernidade de Baudelaire]* em tradução de Suely Cassal.

Em 2012, o volume *Contos de imaginação e mistério*, de Edgar Allan Poe, traduzido por Cássio de Arantes Leite para a Tordesilhas, traz no prefácio um ensaio de Baudelaire, “Outras anotações sobre Edgar Poe”, este em tradução de Daniel Abrão.

Em 2013, surge uma nova tradução de *Richard Wagner e Tannhäuser em Paris*, agora por Eliane Marta Teixeira Lopes, pela Autêntica.

Também em 2013, temos *Diários íntimos*, em tradução de Jonas Tenfen, pela Caminho de Dentro Edições.

No mesmo ano, sai *Quadros parisienses e Poemas do vinho*, em edição bilíngue, com tradução de Fernando Fagundes Ribeiro, pela editora Hexis.

Ainda em 2013, Ricardo Meirelles publica sua tradução “Brumas e chuvas”, ao lado das de Teófilo Dias, Jamil Almansur Haddad, Ignácio Moitta, Dante Milano, Ivan Junqueira e Juremir Machado da Silva para o mesmo poema, em “*Les fleurs du mal* no Brasil: as traduções de *Brumes e pluies*”, integrante do volume *Clássicos em tradução, rotas e percursos*, organizado por Marie-Hélène Catherine Torres et al., pela CopiArt/ PGET/UFSC.

Também temos para o mesmo ano uma terceira curiosidade em francês: a edição facsimilar da primeira edição de *Les Fleurs du mal*, de 1857, pela Poulet-Malassis et De Broise, com correções das provas de impressão. Saiu pelo Selo Hussardos, sob encomenda e em edição de luxo personalizada.

⁶ Sobre Milton Lins, ver BOTTMANN (2010-17).

Em 2015, é lançada a extensa coletânea *Os franceses*, organizada por Luis Dolhnikoff, pela Hedra. De Baudelaire, a antologia traz a íntegra de seus cinquenta *Pequenos poemas em prosa*.

Em 2016, sai mais um *O Spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*, em tradução de Alessandro Zir, pela L&PM.

Também em 2016, sai a edição digital de *Contos insólitos*, na coleção Clássicos do Horror, Livro 11, pela Triumviratus, em organização de Paulo Soriano. A antologia traz de Baudelaire o poema em prosa “Cada qual com a sua quimera”. É reeditado em 2017 em *Breves contos fantásticos*, pela mesma Triumviratus.

No mesmo ano, temos *Poemas de sedução da carne e da morte*, em seleção e tradução de Nils Skare, pela L-Dopã Publicações. Traz dezoito flores do mal e sete “inflorescências”, isto é, variações e paráfrases de Skare. Os poemas de Baudelaire aqui presentes são: “A uma passante”, “A musa venal”, “*Sed non satiata*”, “A musa doente”, “A uma mendiga ruiva”, “A serpente que dança”, “O amor e o crânio”, “O vinho dos amantes”, “O gosto do nada”, “O veneno”, “A morte dos amantes”, “A morte dos artistas”, “A morte dos pobres”, “O fim do dia”, “O morto alegre”, “Alquimia da dor”, “O sonho de um curioso” e “As duas boas irmãs”.

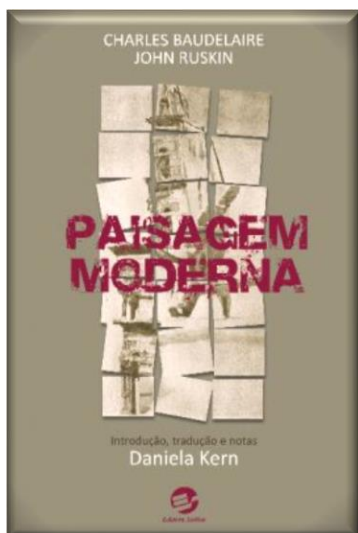
Ainda em 2016, a Anticítera lança a seleta organizada por Wagner Schadeck, *As florestas de símbolos – Uma antologia de As flores do mal*, em edição artesanal de tiragem limitada. A antologia, dedicada a Ivan Junqueira, traz 72 poemas. O subtítulo especifica que se trata de uma “edição histórica com traduções de 1871 a 1933”. Os tradutores dos poemas selecionados são Onestaldo de Pennafort, Eduardo Guimaraens, Clodomiro Cardoso, Paulo César Pimentel, Félix Pacheco, Augusto de Lima, Lopes Filho, Olavo Bilac, Wenceslau de Queiroz, Vicente de Carvalho, Carlos Ferreira, Carvalho Júnior (paráfrase), Fontoura Xavier, Luís Delfino, Teófilo Dias, Martins Fontes, Álvaro Reis, Osório Dutra, Mário Faccini, Tavares Bastos, Batista Cepelos e o lusitano Delfim Guimarães.⁷

Para 2017, registre-se a edição digital *Breves contos fantásticos*, de Baudelaire, com seleção e tradução de Paulo Soriano, pela Triumviratus, na coleção Mestres da Literatura de Terror, Horror e Fantasia, Livro 22. Estão presentes “O jogador generoso”, “A corda”, “Uma morte heroica”, “Qual é a verdadeira?” e a reedição de “Cada qual com a sua quimera”.

⁷ Por um erro de edição, quatro traduções atribuídas a Delfim Guimarães – “O castigo do orgulho”, “A máscara”, “Os faróis” e “A serpente que dança” – são, na verdade, da lavra de Ivan Junqueira, conforme observou o leitor Mitsuo Florentino, em correspondência pessoal. O editor localizou a fonte dos equívocos, que serão devidamente retificados numa segunda edição.

Também em 2017, a coletânea de contos de Edgar Allan Poe, *Medo clássico*, pela Darkside, traz em prefácio o ensaio de Baudelaire sobre Poe, em tradução de Marcia Heloísa.

Por fim, em 2017 temos também a tradução ilustrada e anotada de *A viagem*, por Alexandre Barbosa de Souza, pela Laranja Original.



Daniela Kern, 2010; Luís Dolhnikoff, 2015

Finalizando, segue abaixo o arrolamento simples – trazendo apenas nome do autor ou organizador, título da obra e ano da 1ª edição – das obras contendo traduções de Baudelaire, publicadas desde 1872 até 2017 e detalhadas no corpo deste artigo.

Os livros dedicados exclusivamente a obras de Baudelaire, ainda que apenas em seletas, vêm destacados em negrito. Assim podem-se visualizar com clareza vários elementos: a presença inicial exclusivamente em antologias, a estreia de Baudelaire integral, os intervalos temporais, a frequência de determinados títulos, os recortes temáticos das seletas e assim por diante.

- Carlos Ferreira, *Alcíones*, 1872
- João Baptista Regueira, *Flores transplantadas*, 1874
- Teófilo Dias, *Cantos tropicais*, 1878
- Carlos Ferreira, *Redivivas*, 1881
- Teófilo Dias, *Fanfarras*, 1882
- Antônio Fontoura Xavier, *Opalas*, 1884
- Azevedo Júnior, *Frisos de luz*, 1884
- Vicente Augusto de Carvalho, *Ardentias*, 1885
- Augusto de Lima, *Contemporâneas*, 1887
- Olavo Bilac, *Poesias*, 1888
- Cassiano Tavares Bastos, *Ermida*, 1900
- Manuel Batista Cepelos, *Vaidades*, 1908
- Matheus de Albuquerque, *Visionário*, 1912

Álvaro Reis, *Musa francesa*, 1917
 José Martins Fontes, *Verão*, 1917
 Henrique de Macedo, *Nova primavera*, 1924
 Onestaldo de Pennafort, *Espelhos d'água – jogos da noite*, 1931
 Eugênio Figueiredo, *Scherzos e sinfonias*, 1932
 Olegário Mariano (org.), *Antologia de tradutores*, 1932
 Félix Pacheco, *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*, 1933
 _____, *O mar, através de Baudelaire e Valéry*, 1933
 _____, *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*, 1933
 _____, *Baudelaire e os gatos*, 1934
 José Martins Fontes, *Nos rosais das estrelas*, 1934
 Guilherme de Almeida (org.), *Poetas de França*, 1936
Charles Baudelaire, *Pequenos poemas em prosa*, 1937
 Osório Dutra, *Serenidade*, 1937
 Wenceslau de Queiroz, *Rezas do diabo*, 1939
 Luiz Delfino, *O Cristo e a adúltera*, 1941
 Álvaro Goulart de Oliveira, *Rosácea sem luz*, 1942
Charles Baudelaire, *Arabescos filosóficos*, c.1943
 Osório Dutra, *Mundo sem alma*, 1943
Charles Baudelaire, *Flores das "Flores do mal"*, 1944
 Edgar Allan Poe, *Poesia e prosa*, 1944
 VV.AA., *Os mais belos contos franceses dos mais famosos autores*, 1944
 Manuel Bandeira, *Poemas traduzidos*, 1945
Charles Baudelaire, *Les Fleurs du mal*, 1947
Charles Baudelaire, *Cores, perfumes e sons: poemas de Baudelaire*, 1948
 Raymundo Magalhães Jr. (org.), *Antologia de poetas franceses*, 1950
Charles Baudelaire, *Pequenos poemas em prosa*, 1950
 Ary de Mesquita (org.), *Poesias*, 1952
 Heitor Fróes, *Meus poemas... dos outros*, 1952
 Hélio Teixeira, *Ritmos*, 1953
 _____, *Horizonte*, 1955
 Aurélio Buarque de Hollanda e Paulo Rónai (orgs.), *Mar de histórias III*, 1958
Charles Baudelaire, *As flores do mal*, 1958
 Jacob Penteadó (org.), *Obras primas do conto fantástico*, 1961
 Cassiano Tavares Bastos, *Baudelaire no idioma vernáculo*, 1963
 Alcântara Silveira (org.), *Novelas francesas*, 1963
Charles Baudelaire, *Algumas "Flores do mal"*, 1964
 Edmundo Moniz (org.), *Poemas da liberdade*, 1967
Charles Baudelaire, *As flores do mal*, 1971
 Cláudio Veiga (org.), *Mini antologia da poesia francesa*, 1972
 Dante Milano, *Poesia e prosa*, 1979
Charles Baudelaire, *Meu coração desnudado*, 1981
 _____, *Os paraísos artificiais*, 1982
 Mariajosé de Carvalho (org.), *Coração desnudado: 8 poetas franceses*, 1984
Charles Baudelaire, *As flores do mal*, 1985
 Álvaro Cardoso Gomes (org.), *A estética simbolista*, 1985
 Ana Cristina César, *Inéditos e dispersos*, 1985
 VV.AA. *Folhetim: poemas traduzidos*, 1987
Charles Baudelaire, *A modernidade de Baudelaire*, 1988
 Dante Milano (org.), *Poemas traduzidos de Baudelaire e Mallarmé*, 1988
 José Paulo Paes (org.), *Poesia erótica em tradução*, 1990

Charles Baudelaire, *Richard Wagner e Tannhäuser em Paris*, 1990
 Ivo Barroso (org.), *O torso e o gato*, 1991
 Charles Baudelaire, *Escritos sobre arte*, 1991
 José Lino Grünewald (org.), *Poetas franceses do século XIX*, 1991
 Cláudio Veiga (org.), *Antologia da poesia francesa*, 1991
 Antônio Thadeu Wojciechowski et al. (orgs.), *Os catalépticos*, 1991
 Charles Baudelaire, *Reflexões sobre meus contemporâneos*, 1992
 _____, *Um comedor de ópio*, 1992
 _____, *Obras estéticas: filosofia da imaginação criadora*, 1993
 Mário Laranjeira, *Poética da tradução*, 1993
 Charles Baudelaire, *O poema do haxixe*, 1994
 _____, *Poesia e prosa*, 1995
 _____, *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*, 1995
 VV.AA., *Os Caprichos de Goya*, 1995
 Honoré Daumier, *Caricaturas*, 1995
 Kathrin Rosenfield (org.), *Poesia em tempo de prosa*, 1996
 Charles Baudelaire, *A fanfarlo*, 1996
 VV.AA., *Prazeres e riscos*, 2001
 Charles Baudelaire, *As flores do mal*, 2001 (edição fraudada)
 Bruno Tolentino, *O mundo como ideia*, 2002
 Renata Cordeiro (org.), *Pequena antologia de poemas franceses*, 2002
 Edgar Allan Poe, *A narrativa de Arthur Gordon Pym*, 2002
 Charles Baudelaire, *O poema do haxixe*, 2003
 _____, *Flores do mal: o amor segundo Charles Baudelaire*, 2003
 Maria do Carmo Sepúlveda Campos (org.), *Contos franceses eternos*, 2003
 Charles Baudelaire, *Paraísos artificiais*, 2003
 _____, *O meu coração a nu*, 2003
 _____, *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*, 2003
 Anderson Braga Horta, *Traduzir poesia*, 2004
 Jacqueline Lichtenstein (org.), *A pintura – textos essenciais*, 2004
 Léon-Louis Grateloup, *Dicionário filosófico de citações*, 2004
 José Jeronymo Rivera (org.), *Poesia francesa: pequena antologia bilingue*, 2005
 Flávio Moreira da Costa (org.), *Os melhores contos fantásticos*, 2006
 Charles Baudelaire, *Pequenos poemas em prosa*, 2006
 _____, *O desejo de pintar e outros poemas em prosa*, 2008
 Waldemar Rodrigues Pereira Filho (org.), *A alma do vinho*, 2009
 Tomaz Tadeu (org.), *Manual do dândi: a vida com estilo*, 2009
 Charles Baudelaire, *Meu coração desnudado*, 2009
 _____, *O esplim de Paris: pequenos poemas em prosa*, 2009
 Daniela Kern (org.), *Paisagem moderna*, 2010
 Charles Baudelaire, *O pintor da vida moderna*, 2010
 Bruno Berlendis de Carvalho (org.), *Caninos: antologia do vampiro literário*, 2010
 Charles Baudelaire, *Pequenos poemas em prosa*, 2010
 _____, *As flores do mal*, 2011
 _____, *idem, idem*
 Roberto Acízelo de Sousa (org.), *Uma ideia moderna de literatura*, 2011
 Edgar Allan Poe, *Contos de imaginação e mistério*, 2012
 Charles Baudelaire, *Richard Wagner e Tannhäuser em Paris*, 2013
 _____, *Diários íntimos*, 2013
 _____, *Quadros parisienses e Poemas do vinho*, 2013
 Ricardo Meirelles, in Torres et al. (orgs.), *Clássicos em tradução*, 2013

Charles Baudelaire, *Les fleurs du mal*, 2013
Luis Dolhnikoff (org.), *Os franceses*, 2015
Charles Baudelaire, *O Spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*, 2016
_____, *Poemas de sedução da carne e da morte*, 2016
_____, *As florestas de símbolos*, 2016
Paulo Soriano (org.), *Contos insólitos*, 2016
Edgar Allan Poe, *Medo clássico*, 2017
Charles Baudelaire, *Breves contos fantásticos*, 2017
_____, *A viagem*, 2017

Tais são os dados bibliográficos sobre a fortuna histórica de Charles Baudelaire no Brasil que consegui reunir – certamente haverá inevitáveis e involuntárias omissões que outros pesquisadores poderão completar. Há algumas ocorrências de traduções de contos e poemas de Poe feitas por Baudelaire e publicadas no Brasil em francês ou mesmo retraduzidas, como *L'Homme des foules* e principalmente *Le corbeau*. Não incluí essas ocorrências por considerar que escapam ao escopo deste levantamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Alexandre Barbosa de Souza, Alexandre de Oliveira Kappaun, Daniela Kern, Élson Fróes, Eugênio Vinci de Moraes, Everton Grison, Fábio Weintraub, Júlia da Rosa Simões, Lawrence Flores Pereira, Lucas Cordeiro, Luis Dolhnikoff, Marina Della Valle, Matheus de Souza Almeida (“Mavericco”), Nils Skare, Renata Cordeiro, Rogério Menezes de Moraes, Sérgio Tadeu Guimarães, Simei Maoski e especialmente a Ivo Barroso por várias contribuições preciosas.



REFERÊNCIAS

- BARROSO, I. Flores roubadas do jardim alheio. In **Jornal de Poesia**, s/d. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ibarroso3.html>.
- BAUDELAIRE, CH. *Œuvres complètes*. Disponível em https://fr.wikisource.org/wiki/Auteur:Charles_Baudelaire.
- BOTTMANN, D. Athena. In: **Não Gosto de Plágio**, 2012-2016. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/search/label/athena>.
- _____. Milton Lins. In: **Não Gosto de Plágio**, 2010-2017. Disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/search/label/milton%20lins>.
- _____. Uma vinheta. In: **Traduzires**, v. I, n. 2, 2012. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8048>.
- CAMPOS CARVALHO, J.R. Poemas em prosa (de Ch. Baudelaire). In: **Correio Paulistano**, 10 de setembro de 1871. Litteratura, p. 2. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/090972_03/1815.
- CÂNDIDO, A. Os primeiros baudelairianos. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. Série Temas, volume 1, Estudos Literários. São Paulo: Ática, 1989.
- FERREIRA, C. Modulações (Inspiração de Baudelaire). In: **Imprensa Acadêmica**, 1 de setembro de 1871. Secção Litteraria, p. 3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/385867/403>.
- JUNQUEIRA, I. Traduções de Baudelaire no Brasil. In: BAUDELAIRE, CH. **As Flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MACHADO DE ASSIS, J.M. A nova geração. In: **Revista Brasileira**, vol. II, 1879. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/139955/2436>.
- MEIRELLES, R. **Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária**. 2003. Dissertação, UNICAMP. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269849/1/Meirelles,%20Ricardo.pdf>.
- _____. **Les Fleurs du mal no Brasil: traduções**. 2010. Tese, USP. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-18102010-102721/pt-br.php>.
- _____. Colecionando *Flores do mal* ou da antologia como crítica. In: **Tradução em Revista** 2013/2. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22589/22589.PDF>.
- PIRES, G.C. **Aclimatando Baudelaire**. São Paulo: Annablume, 1996.